

OS MITOS MORREM CEDO OU POR QUE MORREM CEDO SE TORNAM MITO?

Antonio Sagrado Bogaz
João Henrique Hansen
Leila Marrach Basto de Albuquerque*

* Professor no ITESP;
professor do Centro Uni-
versitário São Camilo;
professor da UNESP.

Resumo:

Os mitos, seja na forma de pessoas ou na forma de narrativas, têm diversas funções na vida cultural e social. De um modo geral eles questionam a rotina e ao mesmo tempo, lançam uma leitura da possibilidade idealizada da vida. Partindo das idéias e os conceitos de Mircea Eliade sobre o Mito, os autores buscam compreender o porquê dos *mitos dos jovens* persistem e como a sua *mensagem*, em última instância, estaria ligada à brevidade de suas vidas. Assim, ainda que reconhecendo que existem ao longo da história muitos jovens míticos (e também não tão jovens assim), eles selecionaram um grupo mais contemporâneo e relacionado a vários campos da cultura ao mesmo tempo: política, música, cinema, esportes. De qualquer modo, o mito não é uma existência dentro de um tempo cronológico, ele se instaura num tempo kairológico e com isto se relaciona mais com projeto de vida ou com um ideal.

Palavras-chave: Mitos; Juventude e Mitos; Mito: criação do; Vida Breve (*Vita brevis*).

Abstract:

In social and cultural life, myths, either as individuals or in the form of narrative, have many functions. Day by day life and its questions and a kind of deep insight of an idealized life are in the very centre of the myths. Having in mind Mircea Eliade's ideas and concepts about the myth, the authors seek to understand why myths linked with young peoples persist and how its message, ultimately,

would have reference to the brevity of their lives. There are throughout history many mythical young (and not so young also), but here authors selected a contemporary sample from various culture fields at the same time: politics, music, cinema, sports. In any case, myth has not an existence in the realm of the chronology, but within a *kairological* time ; its life has deep relationship to a project or ideal.

Key words: Myths; Youth and Myths; Myth: Creation of a; Short Life (*Vita Brevis*).

Os mitos estão presentes em nosso cotidiano. Eles pertencem ao patrimônio histórico e cultural dos grupos humanos e são pilares que personificam seus valores e seus ideais. Eles existem no imaginário dos povos. Os mitos, concebidos folcloricamente nos fazem rir, pois sua existência, sua identidade e seus feitos se aproximam da fantasia e da ficção. Eles expressam as façanhas que os homens em seu cotidiano precisam realizar e não são capazes, pois exigem forças e poderes extraordinários. Isso os torna mera literatura de entretenimento, como romances, fábulas e espetáculos. Observados mais proximamente, estes mesmos mitos tornam-se paradigmas de nossos ideais, de nossas utopias e, finalmente, de nossos programas de vida. Tornam-se modelos imaginários que incentivam nossa existência. Podem ser, finalmente, a projeção de nossos objetivos não conquistados, mas farejados e idealizados.

Neste artigo, procuramos compreender o mito, dentro de nossas teorias científicas, mas igualmente dentro de nossa epistemologia ordinária, adentrando nossas fantasias, *insights*, emoções e espiritualidade.

Num segundo momento, abordaremos os mitos presentes nos séculos da nossa história, que são os mitos clássicos. Denominamos mitos clássicos os nomes de personagens que perfilam na história da humanidade, sendo estudados por compêndios de história, representados nas páginas literárias, representados em peças de teatro, filmes e outros quadros literários. São inúmeros e estão presentes nas várias culturas, povos e nações. Não são sempre universais, pois em muitos

casos estão presentes em alguns períodos e alguns grupos. Outros têm influência mais complexiva. Mas estamos atentos, pois nossos mitos são ocidentalizados e são fixados em nossa história ocidental. Sabemos, no entanto, que outros universos, como povos asiáticos e orientais também cultivam seus mitos e buscam neles o nutrimento de seus ideais. Como este mesmo fenômeno ocorre também em grupos distantes, como os indígenas e os povos africanos, notamos claramente a polissemia do mito que se revela no universo simbólico. Ocorre ainda que um mito positivo, heróico para um grupo, pode ser assumido como malfeitor para outro grupo. Um exemplo simples é a figura mítica de Joana D'Arc, que para os franceses é uma grande heroína e para os ingleses, que ela combateu corajosamente, uma figura doentia, obsessiva e tratada até mesmo como portadores de desvio de personalidade. Basta observar os filmes biográficos deste mito. Pelo nome do roteirista e do diretor, compreendemos de antemão que imagem será exaltada.

Este recorte nos adentra na compreensão dos mitos contemporâneos, que estão em nosso cotidiano. Esta é a terceira incursão de nosso trabalho. Alguns nos parecem geniais, outros se nos apresentam como bizarros. Mas para seu grupo de *devotos* são modelares e significativos.

Os princípios da mitificação dos personagens serão abordados com critério epistemológico, buscando delimitar algumas características, fundamentadas nos seus exemplos. A metodologia é integrativa: quer dizer, estudamos os mitos e suas atuações históricas, observamos como são vistos e cultivados por seus admiradores e, depois, formulamos algumas características, que aprofundamos, citando os mesmos mitos como exemplificação destes vários pontos. Com certeza, são muito mais os mitos e muitas outras as características. Certo é que os mitos são inspiradores de utopias.

Vemos estes ideais como proposições de construção de uma sociedade ideal. Proposta do bem contra o mal, embora nem sempre o bem seja universal, mas de um grupo localizado. Por estes caminhos, num quarto momento, deveremos compreender como estes ídolos são edificadas, sua gênese e estruturação. Os mitos se tornam fundamentais para seu grupo que os cultivam com piedade e fidelidade, pois absorvem deles suas motivações para viver seu ideal verossimilhante.

Postos estes fundamentos, poderemos julgar nossa hipótese ou dilema epistemológico original: os mitos morrem cedo ou por morrerem prematuramente e no auge de sua existência se tornam mito?

Podemos acreditar que a história se serve do mito para firmar seus pilares e o eterniza para consagrá-lo como seu próprio modelo? A isso podemos responder a seu tempo, mas de antemão compreendemos que os mitos são os deuses imanentes, admirados em sua história trágica, enobrecidos em sua morte juvenil e imitados em seus ideais grandiosos.

1. MITO: CONCEITO E PROCESSO SEMÂNTICO

O vocábulo *mito* compreende muitas e diversas acepções. No senso-comum geralmente designa uma narrativa ficcional, uma ilusão. Este sentido, porém, está ancorado em uma teoria do conhecimento que concebe os modos de conhecer inseridos em uma ordem evolutiva em direção à verdade, na qual o mito corresponderia a estágios primitivos ou a estados mentais irracionais. Não é esta a acepção utilizada por etnógrafos, sociólogos e historiadores. Eliade ensina que o mito é próprio das sociedades arcaicas onde designa, ao contrário do sentido dado pela linguagem comum, *uma história verdadeira altamente preciosa porque sagrada, exemplar e significativa*.¹ Assim, o mito fornece modelo de comportamento e sentido à existência humana. Ademais, Eliade considera abordar o mito como uma categoria dos nossos contemporâneos, escapando dos modelos evolucionistas.²

Uma boa definição do mito deve ser ampla para poder conter suas perspectivas múltiplas e complementares: *o mito reconta uma história sagrada; ele relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos 'começos'*.³ Assim, o mito lida com Seres Sobrenaturais responsáveis pela criação de uma realidade que se dá a partir de uma irrupção do sagrado. Neste sentido, é a História dos atos dos Seres Sobrenaturais.⁴

Nas sociedades modernas, o mito dá lugar à história, narrativa dos homens comuns. Enquanto que um homem moderno, se considerando o resultado da história univer-

¹ Cf. M. ELIADE, *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963, p. 9.

² Idem, p. 10.

³ Idem, p. 13.

⁴ Idem, p. 30.

sal, não se sente tendo de conhecê-la na sua totalidade, o homem das sociedades arcaicas não só é obrigado a rememorar a história mítica da sua tribo, mas de reatualizá-la periodicamente. [...] a irreversibilidade dos acontecimentos [para o homem moderno] é a nota característica da História, mas não constitui uma evidência [para o homem arcaico]⁵

⁵ Idem, p. 24.

Além disso, o mito trata de um conhecimento esotérico carregado de poder mágico-religioso que é transmitido aos neófitos durante os ritos de iniciação. Viver os mitos implica, portanto, uma experiência verdadeiramente 'religiosa', pois que ele se distingue da experiência ordinária, da vida cotidiana.⁶ A repetição ritual do mito, do acontecimento primordial, o torna fixo e durável no fluxo universal. Pela reiteração periódica disso que foi feito in illo tempore a certeza se impõe de que alguma coisa existe de uma maneira absoluta.⁷ A experiência do mito proporciona ao homem transcendência dos seus condicionamentos e elevação em direção às coisas maiores.

⁶ Idem, p. 31.

⁷ Idem, p. 172.

Eliade explica que a concepção de mundo moderna de um universo infinito eliminou as dimensões cósmicas da experiência humana e o homem se vê preso à sua própria historicidade, refém do tempo.⁸ Os esforços de sobrevivência desta circunstância estreita o encaminham a procurar em culturas arcaicas as profundezas temporais portadoras dos acontecimentos paradigmáticos.

⁸ Idem, p. 169.

Eliade relaciona o desaparecimento do mito, na modernidade, à imposição do livro sobre a tradição oral. Em outras palavras, a experiência histórica resultou no triunfo do *logos* contra o *mythos*. Diz ele:

*Graças à cultura, um universo religioso dessacralizado e uma mitologia desmitificada formaram alimentaram a civilização ocidental, a única civilização que teve sucesso em tornar-se exemplar.*⁹

⁹ Idem, p. 192.

Embora a produção de mitos seja pobre nos tempos modernos, a experiência mitológica acaba se alojando em determinados eventos históricos marcantes do nosso tempo. O marxismo teria retomado o mito escatológico do Justo e o arianismo, que alimentou o nacional socialismo, expressaria o mito das *origens nobres*. Segundo Eliade o mundo moderno produz uma revalorização profana dos mitos sagrados.¹⁰

¹⁰ Cf. M. ELIADE, *Mitos, sueños y misterios*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1961.

Por outro lado, este autor indaga:

*Em que medida o cristianismo prolonga nas sociedades modernas dessacralizadas e laicizadas, um horizonte espiritual comparável ao horizonte das sociedades arcaicas que estão dominadas pelo mito?*¹¹

¹¹ Idem, p. 26.

Por ser referência obrigatória no mundo moderno, o cristianismo reatualiza o mito do eterno retorno do Grande Tempo, ao sair do tempo profano nas celebrações litúrgicas: reintegra-se no tempo sagrado primordial: *illud tempus*. A repetição litúrgica da vida de Cristo, do Nascimento em Belém até a Ascensão, comporta um modelo exemplar para a experiência religiosa do cristão: a imitação de Cristo. Lembremos que Eliade nos ensina que a experiência mítica permite conceber o tempo de modo heterogêneo: *duração profana e tempo sagrado*, e este é sempre o mesmo.¹² Assim, como modelo exemplar, o tempo primordial precisa ser sempre repetido, rompendo com a duração profana.

¹² Idem, p. 28.

Já para aqueles que não têm como fonte de orientação de vida o cristianismo, as funções míticas na sociedade moderna podem ser encontradas na educação. Nesta estariam presentes também o modelo exemplar e o Grande Tempo: o tempo antigo e os personagens históricos se transformam em paradigmas exemplares.

Na medida em que a educação oficial perde sua força e prestígio numerosos modelos míticos influenciam o homem moderno:

*Os heróis, imaginários ou não, jogam um papel importante na formação dos adolescentes europeus: personagens de novelas de aventuras, heróis de guerra, glórias do cinema etc. essas mitologias não fazem mais que enriquecer com o tempo: se descobrem alternativamente modelos exemplares lançados por modas sucessivas e vemos como se esforçam por imitá-las. [...] A imitação dos arquétipos trai uma certa aversão à sua própria história pessoal e a tendência obscura em transcender seu momento histórico local ou provincial, em procura de um 'Grande Tempo' qualquer, seja o Tempo mítico da primeira manifestação surrealista ou existencialista.*¹³

¹³ Idem, p. 30.

Portanto, como chave para compreender o comportamento mitológico do homem moderno, Eliade indica a sua

relação com o Tempo, o tempo primordial. Frente à experiência histórica, a busca do Grande Tempo expressa um desprezo pelo tempo presente.

Na busca de um tempo qualitativamente diferente, o homem moderno procura evadir-se da história e uma das vias é o espetáculo. Corridas, encontros esportivos, teatro, cinema, touradas proporcionam uma experiência temporal fora da temporalidade profana, com profundas ressonâncias no espectador.¹⁴

Outra fonte de experiências mitológicas do homem moderno encontra-se na literatura. Destaque-se que a leitura substitui, na modernidade, a tradição oral, responsável pela transmissão dos mitos. Eliade lembra que nas sociedades tradicionais, as atividades humanas reproduziam um modelo mítico e se desenvolviam em um tempo sagrado. A dessacralização do trabalho impede ao homem moderno escapar do tempo rotineiro. Ele só pode fazer isso com distrações. Elas lhe permitem uma modificação da experiência temporal, como ocorre com a leitura de contos, romances, poesia, literatura, enfim.

*É verdade que o comportamento mítico se prolonga, disfarçado, no papel que desempenha a educação; mas esta interessa quase exclusivamente à idade juvenil, e a função exemplar da instrução está a ponto de desaparecer: a pedagogia moderna anima a espontaneidade. Fora da vida religiosa autêntica, o mito nutre, como vimos, as distrações.*¹⁵

A ausência de rituais para reviver os mitos arcaicos e o seu desaparecimento na sociedade moderna obriga os jovens a fabricar seus próprios mitos, que atendem às iniciações inventadas para o pertencimento aos seus grupos.¹⁶

Cirlot explica, no verbete *Jovem e Velho*, que o jovem simboliza o dominado, a subversão, a intuição, o herói, a audácia.¹⁷

A importância dos mitos, arcaicos ou não, está no fato de que eles compõem a nossa interpretação do mundo e organizam a narrativa da criação cósmica. Para Swimme, trata-se de um pressuposto antropológico. Diz ele:

¹⁴ Idem, p. 32.

¹⁵ Idem, p. 35.

¹⁶ Cf. J. CAMPBELL, *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

¹⁷ Cf. J.-E., CIRLOT, *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984, p. 325..

*Ser humano é estar em uma história cósmica. Esquecer a própria história é tornar-se louco. Todos os povos tribais mostraram estar cientes da conexão entre saúde e contar histórias. Os primeiros seres humanos teriam suas histórias cósmicas, do mesmo modo como, certamente, eles teriam sua alimentação e sua bebida. Nossos ancestrais reconheciam que o universo, no seu nível mais básico, é história. Cada criatura é história. Os humanos entram nesse mundo e despertam para uma simples verdade: Nós precisamos encontrar nossa história dentro desse grande épico do ser.*¹⁸

¹⁸ Cf. B. SWIMME, *The Cosmic Creation Story*. In: GRIFFIN, D. R. (Ed.). *The Re-enchantment of Science: postmodern proposals*. Albany: State University of New York Press, 1988, p. 48.

2. MITOS CLÁSSICOS: REALIDADE E FANTASIA

Os grandes mitos estão relacionados com a esfera transcendental e serviam, via de regra, para a edificação do contingente de personagens sagrados. Normalmente estavam relacionados a fenômenos da natureza, como a chuva, trovões, sol e astros, pelo que os povos primitivos traçavam correlações entre estes personagens e a vida cotidiana. Esta linhagem de mitos se encontra nas sociedades agrárias, fazendo-nos compreender que as linhagens dos mitos se identificam com a natureza de cada sociedade. Estes mitos tinham sua essência vinculada à divindade, sendo parte dela ou sua complementação ou derivação. Onde, vimos tantas vezes, deuses ambíguos, com participação corporal em seres humanos ou animais selvagens: são os mitos configurados zoomorficamente. Vemos então mitos em deuses alados, como Vitória (chamada pelos romanos) ou Niké (chamada pelos gregos), que tinha o significado de vitória mesmo e vinha como uma deusa alada, lembrando da famosa obra em mármore exposta no Louvre, a Samotrácia. Em corpos zoomorfos, como o centauro. Além de animais como o dragão (que vem do grego drákon) com asas e cuspidor de fogo (que aparecerá em quase todas as culturas, como a romana, chinesa, inclusive na bíblia, como um animal que tem inúmeras metáforas) e que aparecem com forças interiores, conhecidos por seus dotes instintivos, como coragem, beleza, terror e ternura, entre outros.

Os mitos religiosos acabam por personificar estes espíritos divinos em corpos dúbios, capazes de representar o bem

e o mal, a beleza e a feiúra, a proteção e a destruição, que são forças transcendentais que assolam a existência do planeta, seja dos fenômenos naturais, seja dos animais e, particularmente, do ser humano.

Na esteira dos mitos, que são uma projeção para o alto dos seres humanos e uma projeção para baixo do ser divino, também no plural, aparecem personagens históricos que assumem – por consciência ou por poder – estes atributos aplicados aos mitos religiosos ou deles oriundos.

A mitificação de seres humanos está relacionada, esta é nossa tese, à sua morte histórica, suas circunstâncias e seu desfecho. Algumas características destes mitos são importantes, para compreender a força que eles tiveram em seu tempo, como personagens históricos e o legado que deixaram, sendo usados como modelos míticos fascinantes ao longo de séculos, em culturas localizadas ou em ideais utópicos.

A utopia concreta da eterna juventude se revela nos mitos que morrem cedo, pois morrem na exuberância da beleza, da saúde, da coragem e da pujança da vida, que são sonhos que povoam a mente do ser humano, que não quer se imaginar como ser em estado de *defazimento* dentro da sua coordenada temporal. Isso pode justificar e fundamentar a busca religiosa da perpetuidade, mas abandonamos esta hipótese, por não ser o objetivo desta pesquisa. Ficamos com a geração do mito dentre a realidade histórica, como se a história se perpetuasse em suas figuras míticas. Vamos decodificar alguns atributos dos míticos clássicos, levados no auge de sua juventude histórica.

2.1 Renúncia da Temporalidade

Os mitos clássicos tiveram vida curta, em geral, como percebemos na sua ladainha histórica. Não tiveram vida longa e nos poucos anos que viveram sucumbiram na idade mais produtiva, mais guerreira, mais voraz de seu próprio ideal. Recordamos, por exemplo, o faraó Tutankamon. Assumiu o trono quando tinha aproximadamente doze anos, restaurou o antigo culto aos deuses, favoreceu os sacerdotes e morreu aos dezenove anos de idade, sem herdeiro, tendo se casado aos dez anos com sua meia-irmã. Como morreu muito novo, seu túmulo não foi tão suntuoso quanto o de outros farós egípcios, mas o que mais fascina a imaginação do homem

contemporâneo é terem encontrado em 1922 as sepulturas reais quase que totalmente intacta. Contendo, peças de ouro, tecidos, mobília, armas e principalmente textos sagrados que revelam muito sobre o antigo Egito de mais de três mil e quatrocentos anos atrás.

O mito acabou sendo construído há menos de cem anos. Mas quando se fala em faraó, Tutankamon é lembrado imediatamente por ter sido um jovem faraó e ter deixado, pelo menos para a geração dos séculos vinte e vinte e um, demais gerações que irão aparecer, um tesouro inacreditável. O mito surgiu da lenda, do legado de seu governo, não importando que hoje possa ser atestado pelos meios modernos que morreu de meningite, que tinha problema ósseo ou outras coisas, através da biópsia de sua múmia. Interessa o tesouro, a lenda, o faraó que ficou famoso com a descoberta de seu túmulo.

Nesta busca de ideal, aos poucos o mito se distancia dos concidadãos, deixando de ser tratado como um mortal comum e passa a ter poderes excepcionais.

O mito atende ao modelo do líder carismático, possuidor de qualidades especiais e impelido por um chamado, uma *vocação*. Na verdade, ele é portador de um carisma e exerce um mandato que é obedecido pelo grupo que o segue. Trata-se de uma obediência calcada no afeto, que congrega seguidores em associações do tipo comunitárias, fortemente marcadas por contatos primários e laços de confiança.

Trata-se de uma devoção pessoal que tem como fonte *o sempre novo, o extraordinário, o inaudito e o arrebatamento emotivo que [os líderes carismáticos] provocam*.¹⁹

Assim, esse modelo de liderança dispensa regras. Ensina Weber que a administração carismática se dá pela *revelação momentânea, ou criação, a ação e o exemplo, as decisões particulares*, marcadas pelo irracional. Isto é, o portador do carisma *se faz acreditar* pelas suas ações. Nisto se baseia seu domínio.²⁰

Sendo um grande ídolo, sua vida passa a ter um registro supra-temporal, gerando a capacidade de controlar o próprio destino. Sua vida pessoal cotidiana torna-se invisível, pois não pode ser exposto dentro de suas necessidades habituais. Ele não come, faz banquetes, como se comer fosse um ato muito material e seu banquete é feito

¹⁹ Cf. M. WEBER, *Economía y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002 [1922], p. 328.

²⁰ Idem, p. 329.

com especiarias e iguarias não para matar a fome, mas para elevar sua corporeidade. O mesmo vale para as vestes, revestem-se de luxo, riqueza e expressões de beleza, como se fossem vestes de deuses. Estas posturas elevam os mitos na sua história, tornando-se objeto de desejo e, portanto, de imitação.

A mesma reflexão pode ser aplicada a São Francisco de Assis, cujo nome era Giovanni di Pietro di Bernardone, nascido na cidade de Assis em 5 de julho de 1182 e tendo morrido no dia 3 de outubro de 1226. Foi um frade católico, que após uma juventude mundana, ingressou na vida religiosa, fundando a ordem medicante dos Frades Menores. Acabaram sendo reconhecidos como Franciscanos e renovando o Catolicismo de seu tempo. Saindo dos mosteiros e indo diretamente de encontro aos pobres, imitando a vida de Jesus Cristo, desenvolveram uma profunda identificação com os problemas de seus próximos e com a humanidade do próprio Cristo. Francisco de Assis se dedicou aos mais pobres dos pobres, chamando-os de irmãos. Alguns estudiosos chegam a dizer que a visão positiva de Francisco em relação a natureza e ao homem foi algo que impregnou a imaginação de toda a sociedade de sua época levando o cerne da formação da filosofia da Renascença.

De fato, em Francisco, por versos totalmente inversos, representa a mesma fuga ou desprezo da temporalidade. Não se submete ao uso trivial das vestes, dos alimentos ou dos cuidados com o corpo. Torna-se o ideal de superação da condição humana, tornando-se um *espectro da não-temporalidade*. Ao mesmo tempo que se fixa na história, supera sua relação com os elementos naturais, como comer, vestir e realizar suas necessidades ordinárias. O tempo e a história aos quais pertencem não os dominam. Ele os submete, pois estão para além de suas necessidades.

Citamos um mito cristão, mas que é colocado como um mito universal pela crítica mundial. É o caso de Francisco, o pobre de Assis:

Francisco renuncia a continuar os negócios do pai. Renuncia à herança e vai viver uma vida frugal, sóbria, pobre. Mostra que é possível ser feliz sem possuir muito. A felicidade não está no ter. o mundo moderno

deve seguir o caminho da sobriedade. Deve aprender a contentar-se com pouco, com o necessário, caso contrário está caminhando a passos largos para a sua própria destruição. Francisco é admirado [...] por seu amor à natureza, por sua fraternidade. Tudo é seu irmão, sua irmã [...]. Francisco chegou a isso pela renúncia, pela abnegação de si mesmo, pelo esvaziamento de si mesmo, pela cruz.²¹

²¹ cf. I. WILGES, São Francisco de Assis e a ecologia. In: BOFF, Leonardo ET AL. (Eds.). *O franciscanismo e o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 95-96.

Viver é importante, mas é relativo, pois seus projetos de vida os relativizam. Para Francisco mais vale partilhar o pão que se alimentar. Para os grandes reis, vencer uma batalha é mais importante que viver. E viver na doença, na limitação física ou mental ou como prisioneiro é demasiadamente mundano. Os fatos do cotidiano revelam que estes personagens vivem em situação limite, como o drogado que sabe que pode chegar a uma overdose fatal. Portanto, morrer torna-se o ideal do mito e sua temporalidade se relativiza. No caso de morrer jovem seus atributos particulares se integram à figura do mito. Assim, os grandes personagens que envelheceram, perderam o poder e os atributos da juventude não são assumidos como mito. As figuras dos mitos antigos, como Faraós, Imperadores, Reis e Líderes religiosos saíram da história no auge da juventude e são recordados com a virilidade juvenil.

2.2 Ideal de consolidação da unidade

Um sonho que perpassa toda a história da humanidade é a integração dos povos e sua unificação. Este ideal promoveu simples guerreiros, estadistas ou líderes religiosos a grandes ditadores e opressores da liberdade humana. Foram os ideais imperialistas.

Quando repassamos os grandes impérios que ilustram a história da humanidade, como o Romano, Egípcio, Otomano, Persa, Macedônio, Japão, Árabe e mais recentes como o alemão, o americano, entendemos que este tema é recorrente aos vários períodos históricos e em diversas regiões. Quando os personagens despontam na história, com evidente capacidade de congregar os grupos humanos, estes são elevados à categoria de mitos, pois sempre dão a vida por seus ideais. O ideal da unidade dos povos tem a pretensão de formar uma comunidade humana mais sólida e unificada.

Alguns grandes nomes da história dos povos, sejam homens ou mulheres, tiveram planos inusitados, destemidos e utópicos. Estes planos foram levados à frente com a sedução e o poder de envolvimento de líderes que arriscaram a própria vida, condicionando sua própria vida e aos próprios ideais. Esta é uma das características dos grandes personagens da história, seja submeter suas vidas a seus projetos mais fundamentais.

Ao invés da biografia, o mito é construído com um produto coletivo. Citamos: Alexandre, o Grande (356 a.C a 323), que foi o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em sua juventude, teve como preceptor o filósofo Aristóteles. Tornou-se rei aos vinte anos, após o assassinato do seu pai.

A sua carreira é impressionante, conquistou um império enorme que ia dos Balcãs até a Índia, incluindo o Egito e a Bactria, que hoje conhecemos como o Afeganistão. Este império era o maior e mais rico que já tinha existido. Alexandre foi um general de extraordinária habilidade e inteligência, talvez o maior de todos os tempos. Não perdeu nenhuma batalha e a expansão territorial que ele conquistou foi uma das maiores da história, em um período bem curto de tempo. Era um general de muita coragem e segundo diz a História, era também um homem de muita sorte.

Tornou-se um mito, é um exemplo desta façanha. Sua vida foi relativamente curta, mesmo para seu tempo. No pouco tempo em que exerceu sua atividade política e militar, deixou traços de coragem e poder, pelos quais foi estendendo as fronteiras de seu império. Sua morte precoce aos trinta e dois anos em Pela e seus atributos, elaboraram a figura mítica que perpassa os séculos. Sua representação iconográfica não passa de um busto, que revela sua imagem viril e harmoniosa. No entanto, é mais que suficiente para perenizar sua imagem de *eterno jovem*, que não conheceu o ocaso em vida, como se não tivesse sido tocado pela morte. Ainda mais, a sua representação conhecida já é a produção mítica de artistas, que o representam de forma ideal.

Para ilustrar este item, sem falar de mito, pois sua figura é extremamente controversa e degenerativa, Joseph Stalin, é representado como um homem jovem, garboso e grandioso. Como sua história é muito recente, podemos saber que era um cidadão de pouca estatura, com graves problemas epi-

dérmicos e, ainda mais, com problemas físicos nos membros inferiores, já havia sofrido diversos derrames. No entanto, mesmo assim em sua aparição histórica conseguiu-se criar uma imagem viril, guerreira e harmoniosa, como *imagerie* do próprio poder que sustentava. Isso evidencia que os grandes líderes que se impõe pelo poder de um sistema podem ser trucidados quando seus poderes são demolidos e as estruturas de sustentação vão à falência.

Esta conotação, como se percebe em tantos mitos, como os grandes ditadores do século XX, é que a construção da imagem é muito complexa e implica em vários atributos e circunstâncias. Eles atendem à demanda da coletividade, captando anseios subliminares do sujeito coletivo e assumindo sua causa.

Quando o mito está bem alicerçado no inconsciente coletivo, a tentativa de destruição, longe de destruí-los, os engrandece e os enraiza mais fortemente.

*A mitologia foi, portanto, criada para nos auxiliar a lidar com as dificuldades humanas. Ela ajudou as pessoas a encontrarem seu lugar no mundo e sua verdadeira orientação.*²²

²² Cf. K. ARMS-TRONG, *Breve História do Mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 11.

A importância de unidade universal, seja da raça de uma etnia, da nacionalidade de um Estado ou dos fiéis de uma comunidade religiosa, torna-se esteio para a edificação e sustentação dos mitos. Eles são cultivados porque servem aos interesses grupais e, ao mesmo tempo, estes grupos sobrevivem sob a efígie de sua figura mítica. No entanto, percebe-se hoje, que o mito a que tentaram transformar Stalin, com a queda das repúblicas socialistas soviéticas, Stalin desapareceu totalmente de cena, uma vez que mesmo tendo sido forjado para ser um mito, nunca passou de um estadista para o povo.

2.2 Baluartes da subversão

Quando observamos a atuação dos grandes mitos na história, nós os vemos sempre na contramão dos sistemas detestáveis da história humana. Mesmo que se tornem depois a personificação de um novo sistema que sua atuação histórica gerou, os mitos surgem como protestadores de uma ordem obsoleta e opressiva. Basta pensarmos nas figuras dos grandes libertadores na passagem do século XIX ao XX. Sempre se posicionaram contra as grandes monarquias, absolutistas

e luxuosas e as depuseram com grande heroísmo. Em todos os casos, correram risco de morrer, que também é, como vimos, característica dos mitos. Sobreviveram e, como tal, colocaram-se ao lado dos oprimidos, congregando seus ideais de liberdade, de superação dos sistemas dominadores e de reconstrução da história.

Na verdade, estes mesmos grandes líderes, para manter os pilares da própria revolução, se tornam-se opressivos e dominadores. Este processo quase que lógico e natural, tem sido percebido nas grandes revoluções da história. Grandes líderes políticos e religiosos que eliminaram seus oponentes, tornaram-se mais tarde repetidores do mesmo sistema que venceram. Nestes casos, estes mitos são destruídos mais tarde e não se tornam ícones das novas gerações. Assim, os grandes libertadores da América, José Martí (Cuba), Miguel Hidalgo (México), José de San Martín (Argentina), José Artigas (Uruguai), Simón Bolívar (Venezuela), Tupac Amaru (Peru), Bernardo O'Higgins (Chile), todos se tornaram figuras de dominação e suas representações pereceram, na medida em que pereceram seus impérios. Como os novos impérios se firmam sobre as ruínas dos impérios anteriores, eles têm as mesmas características e serão igualmente extirpados. Ficam apenas como um trecho de história universal, um grande nome, mas sepultado na história, sem perenidade nas novas gerações.

Nem todos os constestadores se tornam mitos. São vários os nomes que podemos citar, como por exemplo, Francisco de Assis, Alexandre o Grande, Carlos Magno, Sepé Tiarajú (não há registro do seu nascimento, morreu em 1756) e Joana D'Arc (1412-1431). Estes nomes são significativos e algumas de suas características são integrativas de suas bibliografias.

Em seu período histórico, cada um deles venceu muitos inimigos para construir as bases de seu novo reino. Carlos Magno unifica os povos europeus, na nostalgia do antigo Império Romano; Alexandre o Grande vence os grandes inimigos da sua região para formar um povo coeso e capaz de vencer inimigos mais distantes. Alguns deles foram mortos na luta, depois de terem congregado seus discípulos para vencer inimigos concretos e verdadeiros que se instalavam em seus territórios. Basta lembrar Sepé Tiaraju, que congrega as tribos indígenas para vencer os dominadores espanhóis,

que usurpavam suas terras e os escravizavam; Joana D'Arc, que levanta a voz contra os invasores ingleses em seu território francês. A morte violenta e abrupta destes personagens perpetua o mito. Este é, aliás, um atributo dos mitos antigos: morte precoce, deixando as bases de suas proposições, mas nunca a efetiva concretização do novo reino. Por esta razão, o mito fica sempre na perspectiva ideal, como modelo do seguimento do seu discipulado.

Os mitos, portanto, não foram colocados à prova, uma vez que saíram da história no auge da concepção de seu reino. Assim, nunca foram deteriorados pela aplicação de seus ideais na prática. Ao afirmarmos que os mitos *morem jovens*, entendemos dizer que não sofreram *o risco da rotinização*. O carisma não foi ao cadinho da rotina, que desgasta o mito. Francisco de Assis contesta o modelo de Igreja de seu tempo. Protestou silenciosamente contra a deterioração eclesiástica de seu tempo, com um clero envolvido em poderes e riquezas temporais. Sua contestação não foi explícita, por isso não provocou reação violenta. Não pretendia mudar ninguém. Pretendia transformar a si mesmo. Por isso, não animou o confronto com a parte adversária. Seu exemplo foi transformador, basta lembrar que Francisco de Assis havia recebido um aviso para refazer a Igreja. A princípio pensou que era para reformar uma pequena igreja de sua cidade que estava quase desabando. Depois entendeu que era a própria Igreja. Decidiu pedir autorização para fundar a sua ordem. Esteve no Concílio de Latrão com sua veste humilde. Todos estranharam aquele pobre entrando lá. Mas o Papa Inocêncio III fez um gesto para que ele se aproximasse. O Papa havia sonhado que a Basílica de Latrão estava caindo e que um homem humilde, de estatura baixa, com ares de desprezível, sustentava a Basílica com seus ombros. Sua frase tornou-se famosa:

Este é, na verdade, senhores, o homem que com suas obras e com sua doutrina sustentará a Igreja de Cristo.

Sua vida exemplar foi bastante breve, pois viveu 44 anos e poucos anos depois de sua conversão radical. Não organizou uma estrutura, que pudesse desembocar nos mesmos erros dos seus adversários. São Francisco encarna o ideal de pobreza inerente à tradição cristã e, mais recentemente, ele atende também às representações da Nova Era e de facções do movimento ambientalista com sua volta a um estado de

natureza em oposição ao estado de cultura. Assim, seu nome não está vinculado às instituições que criticou, mas representa ideais de fraternidade universal. O que teria acontecido se tivesse vivido longamente, eis a questão. Seria impossível respondê-la, pois incorrer-se-ia em meras hipóteses tendenciosas. Não podemos lidar com esta proposição, por ser simplesmente contrafactual, uma vez que não foi assim que se deu na história concreta. Neste caso, trabalha-se com a intuição lógica.

Como vimos, os mitos não sofreram uma rotinização em suas vidas, a morte prematura não lhes permitiu que suas obras estivessem completas ou não. Tornaram-se mitos porque tinham carisma e sua potencialidade atendia a demanda da coletividade.

Quando falamos de um grande mito da história de Portugal a referência é Dom Sebastião, que foi o sétimo rei da Dinastia de Avis, que herdou o trono com apenas três anos de idade. Aos quatorze anos assumiu o governo manifestando um grande fervor religioso e militar. Devido às ameaças às costas portuguesas e motivado a reviver as glórias do passado, planejou uma cruzada após a solicitação de Mulei Mohammed para recuperar o trono. Desta forma montaria um esforço militar no Marrocos. A derrota portuguesa na Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578 levou ao desaparecimento de D. Sebastião em combate iniciando a crise dinástica de 1580. Deu-se o nascimento do mito: o Sebastianismo, com o povo esperando sua volta.

Em sua figura messiânica há de voltar para congregar seus seguidores e aplicar seus sonhos de fraternidade e solidariedade, manter os mesmos traços de seu desaparecimento, como se vivesse o ideal de Dorian Gray, figura mítica da eterna juventude expressa no polêmico romance de Oscar Wilde, publicado em 1891.

A subversão se alimenta do ideal e transcende o momento histórico, pois deve ser possível para outros estados de opressão e assim o mito se perpetua.

2.3 Interação mito e história

A história da humanidade se conta pela presença de mitos. Eles estão presentes nas passagens históricas dos grupos

humanos e se firmam como pilares que dão identidade e coesão aos seus grupos.

Os mitos são cultivados no inconsciente coletivo dos grupos humanos, como forma de unificar e dar coesão aos integrantes dos grupos humanos. Cada país produz seus líderes que são mitificados, como por exemplo, os indígenas nutrem a figura de antepassados que serviram o povo e morreram na luta por sua causa. Citamos Sepé Tiaraju, como guerreiro guarani nas reduções no sul do Brasil, assim como Zumbi dos Palmares como do sua luta por libertação ou ainda Padre Cícero, como fomentação da identidade nordestina, sua auto-estima e sua força para enfrentar a luta cotidiana, diante dos preconceitos raciais.

Cada nação, grupo étnico, associação ou entidade procura fomentar seus mitos diante de todos os seus membros. O mito, normalmente um antepassado, que deu a vida pelos seus membros, torna-se a personificação de todos os ideais a serem conquistados. Eles são figuras históricas concretas que funcionam como explanação e exemplificação dos princípios e objetivos do grupo.

É necessário entender que os mitos desempenham papel importante na história cósmica, pois se comportam como enviados especiais para que a história transcenda ou subverta seus trâmites lógicos. O mito atende a expectativa do povo e cataliza as inquietações coletivas.

No universo religioso, quando pensamos em Santa Terezinha de Lisieux (1873 – 1897), encontramos uma figura que representa o ideal de um grupo particular, seja o Carmelo contemplativo. Sua figura representa os ideais de simplicidade, lealdade, humildade e ternura, que devem caracterizar os integrantes dos Carmelitas Contemplativos Descalços. Recordar sua vida e seus exemplos é mais incisivo e convincente que ler as regras da instituição. Os mitos permitem que os valores sejam revividos e enaltecidos e permaneçam como orientação para os seus seguidores.

Como mitos, foram propositores dos princípios da comunidade que representam e como viveram a utopia sem contradizer seus princípios, uma vez que não foram levados a prova histórica, permanecem presença utópica na busca da perfeição do ideal. O próprio Sidarta Gautama, o Buda,

permanece como personificação de seus ideais, apresentados e vividos idilicamente nos seus tempos juvenis (563 a.C. a 483 a.C). A filosofia budista é do conhecimento de todos, foi desenvolvida e permanece com seus seguidores. A alma dos povos está sintetizada na alma de seus grandes heróis, que são mitificados para sobreviverem ao tempo. Donde a construção de seu visual físico, de sua personalidade, enriquecida e testemunhada por fatos virtuosos, ensinamentos sábios e morte excepcional. Todos os mitos tiveram mortes trágicas e heróicas, pois não se acovardaram e nem se diminuíram diante da dor, das torturas e dos seus algozes. Do ponto de vista da morte, os mitos jovens são equiparados aos mártires, pois o epílogo de suas vidas tem uma aura intensa de heroísmo, virtude e transcendência.

3. MITOS CONTEMPORÂNEOS: REBELDIA E FASCINAÇÃO

A experiência mítica foi incorporada no pensamento contemporâneo de muitas formas diferenciadas. No entanto, talvez, a mais próxima do sentido do mito são aquelas que por algum motivo especial, principalmente dentro das artes, da política e da religião sobressaíram-se de uma forma tão intensa, como um meteoro no céu, um Cometa Halley, que desponta a cada século no imenso firmamento de estrelas fulgurantes.

O mito contemporâneo seria exatamente esta apoteose, que por algum fator trágico, acaba tendo este caminho cortado. Mas como surgiu num momento em que todos olhavam para o céu, sua aparição, sua forma de ser visto, seu estilo, sua presença e principalmente seu carisma, fizeram com que este mito fosse elevado ao Olimpo para fazer parte integrante daqueles que deixaram um legado único em suas funções na Terra.

Vejamos o caso, por exemplo, de Evita Perón (1919-1952), que morre aos trinta e três anos de idade, vítima de um câncer uterino, no auge da fama e adorada pelo povo argentino, além de ser uma figura emblemática conhecida no mundo todo.

Teve uma vida difícil, filha bastarda entre tantas de um pai que tinha outra família. Saiu de sua terra natal,

foi para Buenos Aires. Prostituiu-se, virou modelo, atriz, apresentadora de programa de rádio, até que um dia, entre tantos homens que passaram pela sua vida, encontrou em Juan Domingo Perón, o homem com quem se casaria e que acabaria sendo o presidente da República da Argentina. A mídia como em todos os casos dos mitos modernos mobiliza o coletivo. Desta feita, os meios de comunicação social a colocaram no papel de mãe do povo argentino, na mulher que se doava para os pobres, os chamados *descamisados*.

Seu papel foi relevante para levar Perón para a Casa Rosada, morada da presidência. O dinheiro rolava por suas mãos e o povo encontrava nesta jovem mulher a resposta para sua vida de pobreza.

Eva Maria Duarte Peron, Evita, tornou na realidade o alter ego dos oprimidos. Reflexo dos que querem crescer e ser alguém. Apesar de nunca ter tido um título político, é sempre relacionada com a política, com o partido dos peronistas e que ao morrer tornou-se um mito na história da Argentina e do mundo. É do conhecimento de todos que seu corpo foi levado para vários países para que não desaparecesse por interesses partidários, revoluções, ditaduras argentinas entre tantos desafetos. Hoje, Evita descansa num túmulo com sessenta e quatro metros de profundidade para que seu corpo não seja violado. Foi chamada, inclusive de Santa Evita, numa alusão à sua generosidade com o que aparentava ser para o povo. Mesmo com tantas incoerências, inclusive a suposição de milhões de dólares que Perón desviou com a ajuda de sua esposa para a Europa, Evita transformou-se num mito contemporâneo.

Se tivesse vivido teria se transformado num mito? Provavelmente, não. Morrendo cedo, tragicamente de um câncer, virou lenda, virou mito. O mito morrendo cedo, morre no auge, não há o declínio, morre em plena ascensão. É um brilho que se apaga tragicamente.

O mesmo aconteceu com a Princesa Diana (1961-1997). Impossível esquecer da mulher que mais apareceu na mídia no século vinte. Uma história de príncipe e princesa que acabou muito mal, mas que começou de uma forma absolutamente de fábula encantada. Lady Di já tinha título de nobreza, não era plebéia. Escolhida pelo Príncipe

Charles, teve um casamento fantástico, assistido por mais de um bilhão de habitantes da terra. Uma princesa linda, agradável, dedicada aos pobres, participando de noites de gala junto com artistas, religiosos, angariando fundos para doentes e se portando, exatamente, como se pensa de uma princesa. Por trás de tudo isso, o drama se desencadeava com um marido adúltero; o príncipe ainda era apaixonado por uma ex namorada. Divórcio, acusações, bulimia, dramas expostos na televisão para o mundo ver. Continuava adorada pelos súditos, não somente do país que nasceu, mas do mundo todo. Sua fragilidade humana mostrava uma mulher linda e traída. Começou a namorar novamente e um acidente trágico, num túnel, em Paris, encontrou a morte aos trinta e seis anos de idade. Após a vida terminar, a família real se cala, o povo fica chocado e pela primeira vez a monarquia inglesa acaba se vendo em uma situação crítica em que se discute, até, a derrocada da mesma. Um primeiro ministro salva o reino. A Rainha da Inglaterra é obrigada a ceder e uma semana após a morte da Princesa Diana, um funeral de proporções reais, literalmente, é feito para o mundo ver.

O mito da Princesa Diana ficou. Sua vocação foi esta, nasceu para ser princesa e morrer tragicamente. Entram novas princesas, mas ela permanece, por enquanto, a única. Mesmo Grace Kelly, com seu currículo invejável de atriz que vira princesa na vida real, acabou não virando um mito. Diana vira o mito, morre cedo e tragicamente. Teria virado mito se tivesse vivido mais? Não. Os mitos precisam desaparecer na hora do seu imenso brilho, vivendo uma vida inteira, apagaria aos poucos, seria mortal demais, o verdadeiro mito tem que ter o carisma, como a princesa, ser adorada pelo povo, provocar lágrimas e deixar saudades. A mídia se encarrega do resto.

Marilyn Monroe (1926-1962) será sempre o símbolo da sensualidade; nenhuma mulher poderá posar para um calendário e se tornar famosa como ela. Nenhuma poderá ocupar na tela o lugar que pertenceu a uma atriz que representava a mulher liberta e que poderia conquistar os homens como bem entendesse. Marilyn teve uma vida difícil desde criança, e ter caminhado na pobreza sempre chama a atenção do povo, que faz com que exista maior interação entre o mito e

seus fãs, pois a maioria vem do mesmo berço. Morreu tragicamente aos trinta e seis anos, vítima de uma dose de barbitúricos, que nunca foi bem explicada, atribuído, talvez, a um suicídio. O teor mais acentuada na construção deste mito, é a ansiedade de superação da pobreza, que se torna um projeto vital para todo ser humano.

Seus filmes continuam sendo vistos, sua imagem está sempre associada ao cinema, ao corpo perfeito que possuía, aos homens famosos com quem se casou ou passaram por sua vida e principalmente pelo rosto único que ficou na mente das pessoas no século vinte e continuam se arrastando pelo atual.

A tragicidade de sua morte, morreu sozinha, numa imensa casa em Beverly Hills, deixa um legado de imagens que somente ela conseguiu imprimir no imaginário dos homens.

Um mito que continua se sustentando. Teria sido mito se tivesse morrido aos oitenta anos? Certamente que não teria sido, pois os mitos têm a tragicidade de desaparecem em pleno auge do sucesso.

James Dean (1931-1955) foi o rebelde sem causa, mas, no entanto acaba personificando o rebelde dos tempos de opressão, uma vez que encarnou na tela, este tipo de rebelde que vai contra o mundo. Fez algumas pontas em filmes e foi protagonista de apenas três, sendo que o último o mundo somente viu depois de sua morte.

A figura do jovem de blusão preto, no entanto ficou marcada. Morreu tragicamente numa corrida de carro. No auge da juventude, tinha vinte e poucos anos quando a morte o levou.

Uma carreira que prometia tanto como a de Marlon Brando, que morreu já com certa idade, mas sem virar mito. O jovem James Dean, virou o mito do rebelde, o mito que se estampa camisetas até hoje.

O tipo do jovem insubordinado prevalece. Se tivesse vivido, teria se transformado em mito? Não, a tragicidade da morte faz com que alguns sejam escolhidos para perpetuar uma imagem. James Dean é um dos mitos que abraçou a morte e não a vida.

Podemos arriscar o ideal de mito jovem na figura de Che Guevara (1928-1967) e Fidel Castro (1926). Para

esta análise é preciso desvestir-se de toda ideologia pessoal, caso contrário a reflexão fica condicionada ao próprio sentimento ideológico.

Os dois representam o ideal de unidade da América Latina, a busca incansável pela valorização da pessoa e a luta contra a força selvagem do domínio do capital. Igualmente ambos representam a sede de vingança contra o império americano e seu estado militar que subjuga, a seu tempo, todos os povos oprimidos da América Latina. Estes personagens, entre tantos outros, representaram a vitória do oprimido contra o opressor, a restauração da dignidade dos povos explorados e devorados pelo poderio militar, cultural e econômico norte-americano.

Che Guevara teve sua vida interrompida numa emboscada militar, morreu em Le Higuera, Bolívia. Após o sucesso de Fidel e Che Guevara *libertarem* Cuba, resolveu voltar para a guerrilha e escolheu a Bolívia e depois pretendia ir para a Argentina. Morreu baleado no dia seguinte à sua captura, por um soldado que nem sabia exatamente quem estava matando, para ele era apenas um guerrilheiro numa emboscada na selva boliviana. Seu corpo somente foi localizado 30 anos depois e sem as mãos. Sua figura permanece jovem e estampada nas camisetas, nas cartilhas ideológicas e nos bonés dos que lutam por seus ideais, sempre vigentes e atuais. A figura, porém, de Fidel Castro está ligada à dominação de seu povo e sua estagnação histórica e sociológica. Sua ação, como governante de uma ilha está vinculada à sua ação dominadora, nos mesmos moldes de seus adversários, que ele depôs e degenerou a imagem. Sua figura não é juvenil, viril e estética, antes é uma figura de um ancião decrépito e sem luz ou beleza juvenil. Nunca será estampado em nossas camisetas, a não ser que obrigue seus correlegionários a trajarem, sob ameaça de tortura. Isso acontecia com a juventude hitleriana. Estamos diante de um novo fenômeno, em nossa reflexão, que é a maldição do mito. Quando não é bem acolhido, o mito expressa a inversão dos valores que defendia. Podemos ainda chamá-lo mito, uma vez que assume características de poder e sedução que são próprias do mito, em todos os sentidos. Existe, devemos considerar, uma publicidade do mito, em vista de interesses grupais, que podem demonizar ou endeu-sar o mito, conforme os interesses de seus propagandistas.

Elvis Presley (1935-1977) tornou-se em vida quase um mito, mas precisava *morrer* para que o mito continuasse. Sua morte fez exatamente isso, manteve o mito, continuou o brilho do mesmo, mas se tivesse continuado vivo, por certo já estaria esquecido, assim como Sinatra, que morreu com mais idade e ficou apenas o cantor, o ator, mas não virou um mito contemporâneo.

A lenda permaneceu fiel, pois Elvis, depois de morto, foi considerado vivo e visto em dezenas e dezenas de lugares, o que propagou ainda mais o sentido do mito que morreu e continua vivo, por incrível que possa parecer. Sua vida, meio mágica, começou como um caminhoneiro, explodiu com um novo ritmo chamado *rock and roll* e em pleno apogeu do sucesso, o exército o chamou para servir. Voltou e continuou sua meteórica carreira. Apesar de ter engordado, mantinha em Las Vegas a plenitude de ser o astro mais popular dos Estados Unidos, o cantor onde ainda despertava toda a atenção do público e da mídia.

*A religião tem sido um dos meios mais tradicionais para alcançar o êxtase, mas se as pessoas não o encontram mais nos templos, sinagogas, igrejas ou mosteiros, procuram-no em outro lugar: na arte, na música, na poesia, no rock, na dança, nas drogas, no sexo ou no esporte. Como a poesia e a música, a mitologia nos deve despertar para o arrebatamento.*²⁵

²⁵ Cf. K. ARMS-TRONG, *Breve História do Mito*, op. cit., p. 13.

Se tivesse vivido mais tempo, por certo já estaria no ostracismo, como muitos outros, mas a morte o levou de maneira trágica também, envolvido com os barbitúricos, drogas, bebidas e mulheres. O cenário fez o *Olimpo* recebê-lo mais rápido. Virou mito, o local onde viveu, sobrevive hoje como um santuário praticamente e não como um museu.

Airton Senna (1960-1994) foi um dos maiores pilotos de Fórmula 1 do mundo. Muitos outros pilotos existiram, passaram pelos pódios, ganharam louros e prêmios. Muitos continuam vivos, porém na memória do povo já começam a ser esquecidos. Senna, no entanto, transformou-se num mito, lembrado em todos os eventos do gênero e apontado como um brilhante piloto inesquecível, sua imagem ficou associada aos eventos do gênero e do esporte.

É claro, que a tragicidade de sua morte contribuiu para que o mito existisse, antes e depois de morto. Mas não

podemos esquecer que o mito acaba continuando a existir desde que por detrás seu nome seja constantemente lembrado. Não poderia ser diferente de Ayrton Senna, seu nome é utilizado para ajudar as pessoas, em fundações que tem um caráter beneficente e continuam deixando o mito brilhar, arrecadando fundos para obras que lembram constantemente o mito do grande piloto. O mito é cultivado pelo coletivo, para que possa continuar sendo utilizado como mito. Sendo assim, os custódios do mito o cultivam e se servem dele para implantar seus projetos institucionais.

No entanto, o mito também foi criado pelo garoto que evoluiu tanto e se tornou uma pessoa carismática com seu jeito meio tímido de ser, sua maneira de mostrar, principalmente ao povo brasileiro, a famosa bandeira com a qual desfilava nos finais do evento, principalmente diante das vitórias acumuladas. Gesto que perpetua sua imagem junto ao povo, o mito que se torna vivo, a lenda que continua nas corridas de fórmula um.

Sem dúvida alguma os Beatles serão lembrados sempre pelos estudiosos de música, pelos fãs de uma época, mas os quatro integrantes não se tornaram mitos, apenas um pode ser incluído neste seleto grupo dos mitos. Falamos de John Lennon (1940-1980).

Após os Beatles terem se separado em busca de uma identidade própria, ele foi para os Estados Unidos, começando uma carreira solo. Morava em frente ao Central Park. Um dia, como qualquer outro, John Lennon foi assassinado por um *esquizofrênico*. A paranóia americana de chamar a atenção, fez desta vez uma vítima célebre no mundo artístico e John Lennon foi sepultado como mito. A tragicidade de sua morte, no auge da carreira, chamando atenção, inclusive, para o amor e não a guerra, fez com que permanecesse o único entre o grupo a ter virado mito. A mídia dos séculos vinte e vinte e um acaba ajudando neste enfoque de dar a dramaticidade do que aconteceu e do que, talvez, vá acontecer no futuro. Neste momento, os mitos correspondem ao que se fabricam deles. As músicas de John Lennon ficaram e a lembrança do mito é forte ainda. Não se sabe quanto tempo ele perdurará como mito, talvez dezenas de anos, talvez para sempre, talvez o mito um dia acabe também, mas lembrando Vinicius de Moraes que escreveu:

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Podemos tirar a lição dos versos do poeta e dizer que este amor aos mitos é exatamente isso: ser infinito enquanto dure!

Cantor e compositor, Cazuza (1958-1990) representou uma geração voltada para as drogas, bebidas e sexo. Músico com canções que representaram esta época e que de tão boa qualidade perpassou o tempo. Cazuza viveu um drama incomum para a época. Foi uma vítima da Aids, doença, na época, totalmente desconhecida e cujo diagnóstico era uma sentença de morte. Conseguiu sobreviver condignamente o período da doença e virou um símbolo de um lutador contra a sentença desferida pelo vírus. O mito Cazuza permanece vivo. Seus pais levaram para a sociedade carioca a Fundação Viva Cazuza para cuidar dos doentes de Aids. Com isso tudo e a mídia que o envolveu, Cazuza virou mito. Uma de suas músicas diz: *Eu vi a cara da morte e ela estava viva*. A tragidade de sua morte, jovem, aos trinta e dois anos, deixou na memória o cantor e compositor atormentado com os problemas de sua geração.

*Brasil!
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...*

John F. Kennedy (1917-1963), presidente dos Estados Unidos da América do Norte, morreu de forma trágica ao ser baleado na cabeça durante uma visita a Dallas. A cena do presidente ser baleado e de sua esposa Jacqueline Kennedy correr sobre o porta malas do carro conversível tentando pegar pedaço da cabeça do presidente, ficará na memória de qualquer pessoa que viu o filme, feito por um amador, que filmava na ocasião o casal acenando do carro. John Kennedy já era herói da segunda guerra mundial, filho de família famosa foi

eleito senador e depois presidente da república. Seu carisma de jovem presidente, bonito, admirado pelas multidões, transformou o herói no mito da América. Foi atribuído a um jornalista, que acabou não identificado que qualquer americano saberia dizer onde estava no dia do assassinato do presidente, querendo dizer com isso que o choque fora tão violento na América que ninguém esqueceria este dia. O fato é que o mito sobrevive, outros políticos americanos ou de outras nacionalidades foram comparados ao jovem presidente, mas Kennedy foi o único mito a sobreviver. Sua vida foi vista em dezenas de filmes, reportagens, artigos, mas mesmo os que tentaram colocar sua vida de forma contrária ao que se entende como mito, por exemplo, que estava de acordo com a máfia, praticava adultério com prostitutas que eram levadas até a Casa Branca, o problema da Baía do Porcos em Cuba, e outras facetas atribuídas ao mito, não tiveram repercussão nenhuma.

*Ainda ansiamos por ir além de nossas circunstâncias imediatas e entrar num tempo completo, uma existência mais intensa, satisfatória. Tentamos entrar nessa dimensão por meio da arte, da música como o rock, das drogas ou ao aceitar a perspectiva maior do que a vida de um filme. Ainda buscamos heróis.*²⁴

O mito do presidente jovem que morreu assassinado ficará na história, será difícil outro atingir a popularidade e o carisma. Morreu em pleno auge da fama e continuou com ela, herói da Segunda Guerra Mundial, herói que ainda foi assassinado e morreu como presidente de um dos maiores países do mundo.

Michael Jackson (1958-2009) morreu aos cinquenta anos de idade. No mundo contemporâneo pode ser considerado jovem. Motivo da morte foram os medicamentos que tomava para dormir. Seus CDs, DVDs e shows foram comprados por milhões de pessoas, batendo o recorde de vendas num único CD que até hoje não foi superado. Com seu jeito diferenciado de cantar e dançar, misturando ritmos e movido pelo carisma de suas apresentações, já era um mito em todos os sentidos quando no auge da fama respondeu por um suposto crime de pedofilia. Acusado, prestou depoimentos e fosse real ou não a acusação, seu reinado que parecia ter terminado, continuou de forma maior ainda. Absolvido,

²⁴ Cf. K. ARMS-TRONG, *Breve História do Mito*, op. cit., p. 114.

perdeu a imensa fortuna adquirida, meio bilhão de dólares e começou a refazê-la, com seu novo show que iria estrelar. Não houve tempo, morreu tragicamente ingerindo uma dose de medicamentos para dormir. O médico foi acusado de lhe dar um medicamento que poderia tê-lo matado ou o matou. Mas isso fica em segundo plano, Michael continuou o mito que ele mesmo criou e de certa forma ajudou a manter depois de morto. Não fosse a tragicidade de sua morte, inesperada, quem poderia garantir que iria para o Olimpo?

Muitos outros nomes estiveram envolvidos em mortes trágicas ou inesperadas como Tyrone Power, Carmem Miranda, Leila Diniz, Rodolfo Valentino, Carol Lombard, Dolores Duran, Elis Regina, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Jean Harlow, Jane Mansfield, Maysa, Bruce Lee e outras demandas coletivas que viveram uma trajetória fulminante e morreram em pleno auge da fama. Nota-se, portanto, que estes mitos permanecem em maior ou menor escala que os demais. Tyrone Power que morreu após inúmeros filmes, no auge da fama, no meio de uma filmagem, durante anos foi cultuado pelo cinema mundial e agora seu brilho está caindo, poucos sabem quem ele foi, a não ser os críticos de cinema, historiadores de arte e o público que o admirava e está ainda vivo. Como se pode ver, alguns mitos vão perdendo o status com o tempo.

Criando um novo mito, Amy Winehouse morreu aos vinte e sete anos como Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison, Jean Harlow e outros. Viveu uma vida imitando os grandes mitos da canção. Enveredou pelos caminhos destrutivos das drogas e teve uma morte aparentemente causada pelas conseqüências das mesmas. Deixou um estilo diferenciado. Tem tudo para virar um mito, mas o tempo dirá, talvez vire mais um nome na constelação dos que morreram tragicamente e durante o auge da fama, talvez a luz se apague muito rápido, como o astro Heath Ledger, que morreu aos vinte e oito anos, também no auge da fama, ganhando inclusive um Oscar honorário como ator coadjuvante, mas mesmo assim, não é mito e nem será.

Repara-se que os escritores não viram mitos, viram pessoas célebres como: Ernest Hemingway, Oscar Wilde, Virginia Wolf, Machado de Assis, Eça de Queirós, Thomas Mann

e outros tantos, mas o mito tem que ter algo mais, um carisma único e evidentemente o lado da tragicidade que vai transformá-lo em algo mais para sua estada no Olimpo dos mitos hodiernos.

4. EDIFICAÇÃO DO MITO: DEMOLIR E RECONSTRUIR

O mito aparece para demolir estruturas vigentes, sejam culturais, políticas, sociais ou religiosas. Ele se defronta com organizações institucionais definidas e envelhecidas e propõe uma radical demolição daqueles pilares. Estes pilares bem erigidos geram grande resistência nos seus mantenedores. Tais mantenedores declaram guerra oficial ao mito e o mito lhe propõe a guerrilha.

*Vimos que o mito não pode nunca ser abordado num ambiente puramente profano. Ele só é compreensível no contexto litúrgico que o distancia da vida cotidiana; precisa ser vivido como parte do processo de transformação pessoal.*²⁵

A guerra é a guerrilha institucionalizada, assim como a guerrilha é a guerra fora da ordem instituída. O mito da guerrilha deve ser contestatório, não admitindo os mesmos métodos propostos e usados pelo poder constituído. Na verdade, analisando mais a fundo, ambos são incrustados de um tipo de poder, pois na verdade a deposição de um poder só se faz pela reposição de um novo poder substituto. A diferença está no fato que o poder vigente tem seu exército de defesa bem constituído e legitimado, ao passo que o poder do mito reside na ação contra-hegemônica. Subvertendo a ordem, a guerrilha apresenta outra ordem possível, sempre fascinante e utópica.

Os mitos contemporâneos que se elevaram pelo ideal da liberdade, da crítica ao capital e na contestação aos poderes estruturados na sociedade, se apresentam como alternativa à ordem que contestam. James Dean, como foi citado na reflexão, representa o ideal de liberdade que tomava conta do espírito dos jovens no período pós guerra. O cansaço das guerras, a depressão pelos milhões de mortos, a construção de um patrimônio bélico, alicerçado na miséria e nos confli-

²⁵ Cf. K. ARMS-TRONG, *Breve História do Mito*, op. cit., p. 123.

tos permite o surgimento de mito que encarnem os ideais de superação desta trágica realidade. Por esta razão, os líderes políticos anti-americanos eram ovacionados nas manifestações públicas das últimas décadas do século passado.

As multidões alimentam o mito, uma vez que estes respondem positivamente aos seus anseios espirituais, adentram suas necessidades e incorporam suas características, ainda que idealizadas. O desaparecimento do mito no auge de seus ideais, sem concessões, o transforma em ícone da luta que continua até a sua concretização. As concessões que se seguem, quando os ideais são institucionalizados, não pertencem mais ao mito, mas aos seus seguidores. O mito, que ficou como ícone da luta, está isento da corrupção dos ideais. A morte de John Lennon, no auge da luta pela liberdade, crítica ao sistema opressor dos povos; imuniza-o da corrupção e acoplamento do ideal de riqueza, prestígio e convivência com o poder ocidental que acometem seu parceiro de ideais, Paul McCartney (1942). Este e último se lambuzou de dinheiro, luxo e privilégios, mas não verá sua imagem estampada em camisetas pelos jovens nas grandes manifestações contra as guerras ocidentais.

O mito, perenizado por seu desaparecimento precoce, responde aos anseios e necessidades do homem concreto. Por não terem sido levados à sua provação, se estabelecem como utopia, no sentido de um horizonte possível. Os próprios professantes do ideal marxiano admitem a sua perenidade, mesmo que ofuscada pela experiência coletivista do bloco comunista do leste europeu. O ideal, protegido por uma redoma mítica, continua a excitar os espíritos revolucionários e poderá voltar a animar novas lutas, em favor da igualdade dos povos e suas classes.

Analisando o itinerário histórico e sua construção posterior, compreendemos que o mito é o possuidor de um grande carisma, que lhe conota certo endeusamento e uma aura magnética. Por esta conjunção de elementos extraordinários, o mito concretiza o abandono do mundo, retirando-se das suas realidades mais banais. Ele não vive como os outros seres humanos, como não tivesse suas mesmas necessidades e não precisasse suportar as mesmas contingências que os demais. O mito desvia-se do povo e é constituído como um ser diferenciado, em alguma escala sobrenatural. Portanto, o

mito é conduzido à tragédia, devendo encarná-la com desdém e com superioridade. A tragédia do fato é que o mito se torna modelo para seus seguidores, que, ao contrário devem viver a banalidade do cotidiano, trabalhar, ganhar seu sustento e assumir as conseqüências de seus próprios atos.

Na sua vida singular, o mito revela extrema sensibilidade, com uma percepção superior aos demais seres humanos. Além disso, não se enquadram nos esquemas do mundo.

A tragicidade da morte dos mitos, como um evento no auge do poder juvenil, torna-se o cartão de ingresso no universo dos mitos. De fato, os grandes astros, estadistas ou artistas que morreram anciãos, não se tornam mito. Uma exceção, pode ser a figura de Charles Chaplin, que morreu ancião e mesmo assim representa um grande mito para o mundo contemporâneo. Na verdade, houve um corte na sua biografia e seu envelhecimento se realiza no escondimento. Não conhecemos a figura deste personagem como um ancião, mas na pujança da juventude criticando a massificação da sociedade industrial.

Normalmente, os mitos, por sua fascinação diante dos fatos e sua emoção furtiva, tem uma biografia carregada de loucuras, atos de heroísmo e atitudes insanas, desaprovadas pela lógica racional e pelas normas sociais. Ele se considera como um ser escolhido, que tem um chamado para uma missão. Por este fato, todo mito tem vocação especial e está, fundamentalmente, cumprindo um oráculo. Não é culpa do mito se seus seguidores monopolizam e instrumentalizam sua imagem. Depois disso, ele serve, involuntariamente, para construção de impérios, dado ao seu uso utilitário, ideológico e religioso. Entramos num terreno aterrorizante de contradições, pois, eventualmente, o mito serve a objetivos que condenou com sua militância, seja a aquisição de dinheiro e riquezas, defesa de ideais cristalizados e fomento de guerras que sempre condenou.

O mito permanece para sempre como a proposição de um ideal a ser assumido por seus discípulos, para que anime e seduza sempre novos adeptos. A não realização de sua concretude, permite que o mito seja sempre um ideal atual e possível, fazendo-nos crer numa nova ordem mundial, numa nova concepção de valores e numa possível fraternidade universal. Para além da força dos reis franceses e da guilhotina

dos revolucionários, continua viva a esperança de igualdade, a fé na liberdade e a caridade da fraternidade. Estes valores são perenes e os mitos os encarnam para que voltem a ser estrelas em nossas bandeiras. Os mitos vão à nossa frente e carregam nossas bandeiras.

CONCLUSÃO: OS MITOS ESTÃO VIVOS, VIVAM OS MITOS

O entusiasmo no estudo e compreensão do mito é, por si mesmo, muito fascinante, uma vez que comporta um sentimento interior do ser humano e inerente à sua busca filosófica, psicológica, social e religiosa. Desta forma, o mito se nos apresenta como uma motivação para a vida cotidiana, capaz de provocar e dinamizar o cotidiano. Muitas vezes, a figura mítica representa a realização de nossos sonhos frustrados e de nossas conquistas não realizadas. Como o mito se apresenta sempre como uma possibilidade de superação dos limites naturais, como os que temos que lidar na vida cotidiana, ele passa a ser a conquista que não efetivamos, mas que tratamos no sentimento da utopia que nos invade.

A utopia do mito continua a nos convidar a ter esperança porque, no campo do mito, todas as coisas são possíveis, uma vez que estes as projetaram em suas vidas.

Entendemos que para o mito, a juventude é eternizada, os condicionamentos históricos podem ser driblados e os sonhos podem ser concretizados.

Na verdade, concluímos, os personagens míticos projetaram grandes ideais, os quais seduziram um número significativo de discipulado. Este discipulado deverá levar a concretude este projeto, criando sua instituição para efetivar estes ideais. Estes ideais levados à prática provocam a sua rotinização, gerando a falência do projeto. Mas o mito sobrevive, pois ele está vinculado à gênese do ideal e não à sua efetivação. Assim, mesmo que a instituição cultive e possua o mito, torna-se sua própria contradição; ele continua como modelo e proposição para as próximas gerações. Assim, desvinculamos o ideal de sua realização concreta.

Nossa tese se configura com a aproximação dos dados refletidos. O mito é jovem, enquanto proposta de um projeto utópico inovador. Normalmente morreu jovem, ou apreciamos apenas os anos de sua juventude, nos quais ainda não houve a efetivação de suas idéias, que é entregue aos seus seguidores; estes sim, correndo o risco da rotinização. Sendo o mito um personagem individual ou um mito coletivo, notamos que o tempo que se considera, não é o tempo cronológico, mas sua kairologia. O tempo de juventude, que é a geração de seus ideais.

Portanto, o mito não vive uma vida dentro da cronologia, mas sim, uma vida kairológica. O seu tempo não é o tempo dos homens é o tempo da sua duração, vem para um projeto, é jovem neste projeto, não o executa completamente, mas a inspiração o acompanha o tempo todo. Ao morrer tragicamente e sem o tempo comum de uma vida normal, deixa seu legado, quase sempre incompleto. Mas o que deixou permanece como uma relíquia, um tesouro a ser sempre visto, admirado e seguido.

Os mitos sobrevivem pela grandeza do que projetaram e ceifados pela morte prematura vão para o *Olimpo* desfrutar as honras, que passando pela terra, entre os mortais, conquistaram.

No entanto, nem todos os mitos ficam definitivamente no *Olimpo*, a vida dinâmica do mundo atual faz com que alguns não fiquem muito tempo lá, e como este tempo é infinito, ficam enquanto durarem para a humanidade ou apenas aos seus seguidores.

Portanto, ao lidarem com a morte inesperada ou mesmo ao se jogarem para ela, os mitos têm maior possibilidade de alcançar seu *Olimpo*, pois o que o transforma em mito é exatamente a morte prematura. Poderíamos até questionar se os mitos morrem cedo ou porque morreram cedo se tornam mitos?

O questionamento é redundante, o mito precisa morrer no auge da sua apresentação, quando as luzes se apagam. O importante é que sua apresentação tenha sido única, a história se encarrega dos detalhes, para os que ficam não importa se ele morreu jovem e virou mito ou se virou mito porque morreu jovem, pois nem todos que alcançam o sucesso e morrem jovens viram mitos, e nem vice versa.

No entanto, o mito pode sobreviver ou desaparecer, como podemos concluir, dependendo da sua desmistificação quando os interesses são puramente econômicos para vender sua imagem, seu carisma; e usufruir de sua sombra no mundo dos negócios. E pode ser o contrário, este mundo dos negócios fazer com o que mito possa sobreviver anos ou séculos.

O Mito é a projeção, a ressonância de nossas carências, utopias e necessidades. Ele tem o carisma próprio, mas também suas circunstâncias históricas e se torna quase sempre vítima de um sistema que o devora em vida e muitos após a morte.

Nem sempre o mito é o exemplo da ética, seria ideal que também fosse, mas nada quebra o cristal do mito, desde que ele continue seus vôos, no mais o que os homens precisam é de mitos para que possam também sonhar na vida.

A sobrevivência do mito é que sua vida e sua utopia sejam consideradas na sua kairologia juvenil, onde os sonhos e as perspectivas suscitam a esperança e provocam a ação de seu discipulado. Estão livres da rotinização, pois não transformaram em instituição de poder e tradição seus mais elevados ideais. Os mitos são mito porque morreram jovens e por este fato são cristalizados no auge de sua iconografia. Se o mito é a projeção, e ressonância de nossas carências e utopias, ele facilmente se torna uma grife coletiva.

Esta compreensão dos mitos, eternamente jovens, os propõe a busca das forças que os sustentam, a possibilidade de concretizar seus ideais, a força espiritual dos mitos e a necessidade política, social e religiosa de sua existência em nossas vidas. Afinal, devemos ainda nos questionar se os mitos existem em si mesmo ou se os grupos humanos os criam, pois precisamos deles para acreditar e lutar por nossos ideais.